

REVISTA

# Novos Diálogos Suburbanos

CULTURA E  
SOCIABILIDADES  
SUBURBANAS

Ano 1 nº 1 - agosto de 2023

# Novos Diálogos

## **Suburbanos**

### **Sumário**

<b>Editorial: Cultura e sociabilidades suburbanas</b>	<b>03</b>
Alyne Reis, Rafael Mattoso e Sandra de Sá Carneiro	
<b>Alegorias suburbanas</b>	
Frank Andrew Davies e Roberta Sampaio Guimarães	06
<b>As Origens do Futebol no Brasil</b>	<b>09</b>
Lívia Vasconcelos dos Reis	
<b>Cosme e Damião: dos irmãos médicos à resistência mirim suburbana</b>	<b>12</b>
Flávia Figueiredo	
<b>Seu Mirinho e a maior herança de Dona Esther: “fazer o bem, sem olhar a quem”</b>	<b>15</b>
Juliana Bonomo	
<b>Ora (direis) caquinhos</b>	<b>18</b>
Evandro Von Sydow	
<b>O Rio de Janeiro sem praia</b>	<b>23</b>
Monica Cunha	
<b>Campo Grande, memórias de marcos culturais</b>	<b>26</b>
Nilson Bulhões	
<b>O suburbano vive à calçada</b>	<b>29</b>
Fábio de Brito Rezende	
<b>Sem Bobear- Percorrendo os espaços do Méier</b>	<b>31</b>
Roberta Filgueiras Mathias	

# **CULTURA E SOCIABILIDADES SUBURBANAS**

## Cultura e sociabilidades suburbanas

Em meados de 2018, um grupo multidisciplinar de pesquisadores se aproximou para trocar experiências e ampliar o alcance de suas pesquisas suburbanas. No ano seguinte, através do patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, a ideia se materializou através de reuniões, debates públicos, eventos culturais e seminários, culminando na publicação do livro “Diálogos suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade”

O sucesso da iniciativa coletiva nos trouxe, após cinco anos, a uma nova etapa deste desafio de reflexão e divulgação dos subúrbios. Assim, chegamos agora à primeira edição da Revista eletrônica “Novos Diálogos Suburbanos”. Em nosso número inicial priorizamos artigos que dialogam com temas pertinentes à cultura e sociabilidades, convergindo com o cotidiano das experiências de lazer, de vizinhança, das festas suburbanas e periféricas da cidade. Contamos com a contribuição de diferentes autores, de distintas formações acadêmicas, que nos brindaram com textos que tangenciam a temática central e foram selecionados com o propósito de confrontar olhares plurais e relacionar diversas situações de sociabilidade.

Existem diferentes formas, modalidades ou estilos de sociabilidade, porém, em sua maioria, elas se caracterizam pela produção de sentimentos e laços de proximidade que favorecem a construção de um sentimento de pertencimento. Existem igualmente, diferentes tipos de espaços sociais (ruas, praças, clubes, escolas, botequins, vizinhanças, etc.) onde essas interações ocorrem, onde os indivíduos convivem. Esses espaços são locais de trocas e conexões. Tal como aponta Milton Santos, o espaço geográfico é sinônimo de território usado, este é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas ao longo do tempo.

Compreender essas sociabilidades, principalmente nos espaços públicos, é essencial para uma visão mais ampla da vida urbana e das relações sociais que se desenvolvem nesse contexto e, assim, entender melhor como a cidade é construída e produzida, na medida em que estamos tratando de espaços que são locais de encontros, interações e trocas entre seus habitantes, onde as dinâmicas sociais se manifestam de maneiras diversas.

O eixo Cultura e Sociabilidades Suburbanas teve como propósito angariar diferentes tipos de narrativas existentes que correlacionam o espaço e aqueles que dele se apropriam. A partir da influência teórica de Milton Santos, reafirmamos que a essência do espaço é social. Consideramos imprescindível a análise das vivências e experiências que configuram os territórios suburbanos como um aporte para que se mantenham vivas práticas culturais e sociais que estão presentes nesses territórios.

Olhar para os espaços públicos nos permite verificar melhor estes cenários, captar a atmosfera onde os fenômenos e as experiências sociais se estabelecem. É nesses lugares que as identidades e alteridades individuais e coletivas são construídas e expressas. Os estudos das sociabilidades possibilitam analisar as interações cotidianas, os padrões de comportamento, as redes sociais e as práticas de convívio comunitário. Cabe ressaltar ainda que essas interações podem revelar distintas relações de poder, hierarquias sociais, formas de resistência, relações de conflitos e as estratégias de negociação presentes nas cidades. A reflexão sobre as sociabilidades nos permite ainda entender como os espaços públicos são apropriados e utilizados pelos diferentes grupos sociais, revelando as tensões e conflitos que podem surgir nesses locais. Também é relevante para a compreensão dos processos de inclusão e exclusão social na cidade. Ao observar como as interações ocorrem e quais grupos têm acesso aos espaços públicos, podemos identificar desigualdades sociais, discriminação e marginalização. Essa perspectiva nos ajuda a entender como os espaços públicos podem ser usados como ferramentas de empoderamento ou como instrumentos de exclusão e controle.

Nesse sentido, refletimos sobre a relação de pertencimento desses sujeitos com o espaço, que são descritas a partir dos textos e que se configuram como trabalhos valiosos não só para os subúrbios, mas para os estudos urbanos brasileiros. Ainda hoje temos a existência de lacunas que compreendam a organização do território a partir da Cultura e com isso, a ineficácia de políticas culturais que atendam a determinados territórios, fazendo com que se tornem invisíveis tanto para a sociedade, onde muitos não conhecem determinadas práticas culturais que são tão únicas, como para fins de receber subsídios para valorização desses espaços. Considerando assim a necessidade de repensar políticas que deem conta dessas especificidades, ao pensar nos bate-bolas, nos quintais dos sambas, as festividades e o uso dos vazios urbanos, contrapondo a lógica do urbanismo clássico e a ideia de “sem uso”, quando na verdade, muitos desses “espaço vazios” dos subúrbios se preenchem de a sociabilidade, como o baile charme embaixo do Viaduto Negrão de Lima em Madureira, o Jongo, e até mesmo os camelôs que ocupam as calçadas dos diversos subúrbios cariocas, assim como as cadeiras que a ocupam, traçando esta relação de pertencimento entre as ruas, casas, calçadas, pessoas e culturas.

São estas iniciativas que corroboram para instrumentalizar ações culturais, bem como a valorização das relações sociais presentes nos subúrbios, por meio das escritas e relatos dos autores e autoras. O primeiro texto de Frank Davies e Roberta

Guimarães aborda as alegorias suburbanas, que problematiza a categoria subúrbio. Em seguida, temos textos que tratam da sociabilidade da rua (Fabio Resende), das festas de Cosme e Damião (Flavia Figueiredo), história de personagens emblemáticos (Juliana Bonomo e Monica Cunha), futebol como tradição suburbana (Lívia Vasconcelos Reis), Campo Grande do ponto de vista da arte e da cultura (Nilson Cruz). Temos ainda uma interessante apresentação através de imagens produzidas por Evandro von Sydow, de uma das manifestações estéticas decorativas mais expressivas da “alma suburbana”, as famosas calçadas compostas por caquinhos de cerâmicas que formam mosaicos e que representam a união e solidariedade dos moradores, que com suas imaginações criativas souberam imaginar outros propósitos para um material que seria descartado. A partir da reciclagem dos restos de cerâmica que foram danificados no processo de produção industrial, criou-se uma técnica de revestimento, onde os caquinhos vão sendo arrumados de maneira a formar uma espécie de mosaico, que pouco a pouco virou um padrão estético muito valorizado nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Fechando a revista temos uma resenha do livro *Um grande Méier de Histórias*, recentemente lançado, que reforça o conjunto de publicações sobre os subúrbios cariocas, escrita por Roberta Mathias.

**Alyne Reis, Rafael Mattoso e Sandra de Sá Carneiro**

## Alegorias suburbanas

Frank Andrew Davies e Roberta Sampaio Guimarães

Quem é do Rio de Janeiro sabe que o “subúrbio” não pode ser entendido apenas de modo geográfico, a partir da simples definição de local afastado do Centro da cidade. A força do termo encontra-se no acionamento de uma multiplicidade de sentidos, identidades e práticas socioculturais e abarca um amplo imaginário mediado por jornais, filmes, programas televisivos e livros. Em uma rápida mirada pela produção cultural recente, percebemos como o subúrbio e seus moradores costumam ser caracterizados.

Produções como os filmes *Os suburbanos* (Luciano Sabino, 2022) e *Um suburbano sortudo* (Roberto Santucci, 2016), a peça teatral *Os suburbanos* (Rodrigo Sant’Anna, 2005) e os programas televisivos *A grande família* (Rede Globo, 2001-2014) e *Zorra total* (Rede Globo, 1999-2015) podem, à primeira vista, suscitar aspectos cômicos. Mas elas também veiculam uma série de imagens do subúrbio como associado à sociabilidade calorosa encontrada no futebol, no samba, no catolicismo popular, nos bares, nos carnavais de rua, nos bares e mesmo no trem. Do mesmo modo, contudo, essas produções mobilizam outras tantas referências negativas, apresentando seus moradores como cafonas, grosseiros ou ingênuos.

Certo é que trata-se de uma categoria social capaz de articular valores morais. Assim, nos estudos acadêmicos, o subúrbio carioca também tem sido alvo de diferentes sentidos. Foi como invenção de uma “alteridade próxima”, para usar a feliz expressão de Mariza Peirano (2000), que pesquisadores buscaram operá-lo em textos e registros. O que demonstra que as realidades multifacetadas e fluidas associadas a seus espaços e modos de vida são uma potente fonte de imaginação sociológica.

Retomamos aqui, em breves linhas, algumas ideias que desenvolvemos no artigo “Alegorias e deslocamentos da categoria subúrbio carioca nos estudos das ciências sociais (1970-2010)”, publicado em 2018. Inspirados nas observações do antropólogo James Clifford (2011), ensaiamos entender esse corpo de estudos como construtor de alegorias sobre a cidade, tanto por seu conteúdo quanto pelas formas poéticas de textualização às quais recorreram. Então nos colocamos a pergunta: por que pesquisadores variaram tanto na atribuição de conteúdo e forma à ideia de subúrbio carioca?

Um caminho interpretativo dessa multiplicidade foi compreender tais textos como indexados a determinadas linhas de pensamento acadêmico que se difundem, se consolidam e se dissolvem nos centros de pesquisa. Outro foi mapear as escolhas éticas e ideológicas dos próprios pesquisadores e analisar como suas estratégias textuais buscavam conferir significados transcendentais aos eventos observados.

Desse modo, encontramos como mito de origem da noção de subúrbio carioca os estudos desenvolvidos nas décadas de 1950 e 1960, quando geógrafos conceituaram a categoria a partir de uma gramática da luta de classes, que enfatizava aspectos materiais como a expansão dos transportes de massa e a precariedade de infraestrutura urbana nas partes Norte e Oeste da cidade. De lá para cá, outras caracterizações foram formuladas, relacionando o subúrbio carioca a grupos e subgrupos com estilos de vida específicos, como os funkeiros, os punks e os pagodeiros. Ou, como nas últimas décadas, vinculando suas práticas a uma agenda pública voltada para o combate à “desordem urbana” e à legitimação de políticas que supostamente integrariam os opostos dos “urbanos/civilizados e suburbanos/marginalizados”.

Atualmente, identificamos um modo emergente de significar o subúrbio carioca a partir do interesse pelo acionamento da categoria pelos próprios “suburbanos”, em situações em que se apresentam perante outros moradores e mediadores da cidade em busca por reconhecimento social, superação de estigmas e disputa de recursos econômicos e políticos. Desse modo, os textos produzidos sob essa perspectiva enfatizam não mais o encontro entre alteridades, mas os múltiplos agentes e estratégias retóricas operados na classificação dos espaços urbanos.

Indicamos, assim, a potencialidade dessa produção textual em confirmar, negar e subverter fronteiras físicas e simbólicas da cidade, ressaltando que os pesquisadores também atuam politicamente ao nomear coisas e pessoas. Logo, além da reflexão sobre os agenciamentos urbanos e as relações de poder que produzem socialmente os espaços urbanos, indicamos a necessidade de nos indagarmos, como investigadores, sobre as políticas e poéticas que construímos através dos nossos textos<sup>1</sup>.

Façamos então como James Clifford. Percorramos os textos sobre os subúrbios cariocas como quem busca por alegorias e suas afirmações. Talvez assim possamos explicitar as percepções que orientam nossas escolhas narrativas. Ou ao menos, nos faça mais conscientes sobre como tecemos nossos relatos sobre os “outros” e sobre “nós”, a partir dos desejos que os interligam. Que os subúrbios cariocas vindouros desses encontros se façam não apenas plurais, como também um meio de acesso a fatos e alegorias, ao real e ao imaginado.

---

1 - Em 2020 os autores deste artigo produziram um vídeo refletindo este tema, a partir dos depoimentos dos pesquisadores Ana Paula Ribeiro, João Felipe Brito, Livia Abdalla e Sandra Carneiro. Cf. CIDADES. Possíveis subúrbios cariocas: políticas e poéticas contemporâneas (16/11/2020). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=UI-GzJivH7\\_4&t=4s&ab\\_channel=CidadesUERJ](https://www.youtube.com/watch?v=UI-GzJivH7_4&t=4s&ab_channel=CidadesUERJ)>. Acesso: 01 jul. 2023.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Clifford, James. (2011). “Sobre a alegoria etnográfica”. In: José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Guimarães, Roberta ; Davies, Frank (2018). “Alegorias e deslocamentos do ‘subúrbio carioca’ nos estudos das Ciências Sociais (1970-2010)”. Revista Sociologia e Antropologia, 8: 457-482.

Peirano, Mariza. (2000). “A antropologia como ciência social no Brasil”. Etnográfica, 4/2: 219-232.

### Sobre os autores:

**FRANK ANDREW DAVIES** é professor adjunto do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É pesquisador do Cidades - Núcleo de Pesquisa Urbana da UERJ.

**Roberta Sampaio Guimarães** é professora adjunta do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Coordena o NESP - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço, Simbolismo e Poder.

## As Origens do Futebol no Brasil

Lívia Vasconcelos dos Reis

“Charles Miller? Que nada, o futebol brasileiro surgiu em Bangu com Thomas Donohoe”. Com essa chamada, em matéria de 2014, o Diretor-Executivo do jornal Diário do Rio, Quintino Gomes Freire, abraça a tese da historiadora Gracilda Alves (SILVA, Zona Oeste carioca, pode ter sido o pioneiro na história do futebol no Brasil.

A 9 de setembro de 1894, ocorreu, no pátio da Fábrica de Tecidos Bangu, uma partida de futebol que pode ter sido a primeira do país. Uma genuína “pelada”, organizada por “Seu Danau”, nome pelo qual Thomas Donohoe (1863-1925) – técnico tintureiro escocês e eleito vice-presidente na primeira administração da fábrica - era chamado pelos operários. A partida foi realizada com a autorização e incentivo do administrador do estabelecimento, João Ferrer (que virou nome de rua no bairro), dando, assim, condições para a realização do evento, possivelmente, anterior ao jogo capitaneado pelo paulistano Charles Miller, em abril de 1895.

Uma informação consagrada na literatura é a de que o maior contingente imigratório brasileiro, em terras cariocas, sempre foi de portugueses. Isso é um dado genérico, todavia, nas fábricas recém-inauguradas no século XIX, a “expertise” necessária era característica do currículo dos nacionais oriundos do berço da industrialização mundial, a Inglaterra.

O futebol, como esporte moderno, surgiu na Inglaterra em torno de 1863. Aqui no Brasil, há relatos da presença, ainda fraca, do esporte nas duas últimas décadas do século XIX. Em seus primeiros anos de existência, era uma modalidade apreciada e praticada, em maior número, pelas elites.

A história assinala o protagonismo de Charles Miller em relação à organização da primeira partida no país, em abril de 1895, já com a aplicação das regras oficiais (incluin-



do o campo com medidas exatas, uniformes e a pelota oficial), com o placar: São Paulo Railway 4 x 2 The Team of Gaz (MOLINARI, 2004). Porém, existem registros, na linha da tradição oral, sobre “peladas” realizadas em diversas cidades brasileiras, em datas anteriores, mas sem documentação comprobatória. Historiadores contam que uma dessas partidas aconteceu no campo de futebol da Fábrica Bangu, em 9 de setembro de 1894. “Seu Danau” organizou o jogo informal, usando duas traves para fazer as vezes de gol improvisado, não havia uniformes e os times foram compostos por seis jogadores de cada lado. A bola de futebol fora trazida pela esposa de Donohoe, Elizabeth Donohe, que veio da Escócia com os filhos do casal.

A organização das atividades da fábrica, sob a batuta do diretor-chefe João Ferrer, foi um elemento-chave para que o domingo fosse estabelecido como o dia para se jogar futebol. Inicialmente era realizada uma feira no local do campo, impedindo seu uso para o lazer dos operários, mas Ferrer mandou construir um mercado para o comércio dos gêneros vendidos na feira, desembaraçando a utilização do campo. E assim, pouco a pouco, os operários foram se juntando aos técnicos ingleses, naquele novíssimo esporte que iria se tornar, em finais dos anos 1930, o maior esporte de massa do Brasil. Ao mesmo tempo, ocorria a fundação do maior clube operário carioca, em 1904, surgido justamente em Bangu, na fábrica, tendo como presidente de honra o Seu Ferrer e como vice-presidente, Seu Danau, cujo filho caçula, inclusive, viria a se tornar o primeiro grande ídolo do The Bangu Athletic Club, o atacante Patrick Donohoe, que jogou no time entre 1913 e 1922.

Em vista da ausência de documentação, não se pode afirmar que a primeira partida de futebol do Brasil tenha sido a realizada no campo de Bangu, tampouco há relevância definitiva em buscar essa confirmação. Mas, seria bastante razoável pensar na gênese do futebol brasileiro como fruto da prática esportiva de imigrantes ingleses, que chegavam para laborar em fábricas localizadas no primeiro maior polo fabril do país.

Se em São Paulo aconteceu a partida emblemática, com base nas regras formais e com vasta documentação, podemos dizer que, no Rio, houve o pioneirismo do “The Bangu Athletic Club” e seu protagonismo na formação e configuração do futebol nacional, dentro e fora das quatro linhas.

Em Bangu, antes e depois da fábrica – e até os dias atuais – a maioria da população é de negros, mestiços e mulatos. Quando o time foi fundado, em 1904, aceitava-se jogadores operários e pretos. Tanto que, em 1905, o clube contratou o primeiro jogador negro (que era também operário) do time, Francisco Carregal. Contratação essa escandalosa para a modalidade esportiva, primeiramente abraçada pelas elites brancas e aristocráticas, imitadoras das modas inglesas, que passaram a ver o Bangu com maus olhos, por suas livres contratações. Assim, em 1907, a Liga Carioca de Futebol proibiu aos clubes adotarem “homens de cor” em seus quadros de jogadores, em uma estratégia nitidamente de ataque ao clube do bairro operário.

O feito da Liga gerou forte reação no grupo banguense, que, bancando sua equipe e suas próprias diretivas, retirou-se da Liga, firme na ação de repúdio contra a instituição.



Em termos de História Social, foi a partir da presença e da atuação de negros e mestiços que o futebol brasileiro ganhou identidade própria, com seus contornos e feições definidos pela “cara do povo”, ou melhor dizendo, da nação brasileira. Nesse sentido, a atuação do Bangu tem um peso enorme na configuração do esporte, outrora de elite, mas que, com a contribuição definitiva da agremiação, ganhou o jeito preto e forte, tradicional e característico do nosso futebol canarinho, fruto, dentre outros fatores, do protagonismo e pioneirismo da luta do time de operários, que contribuiu definitivamente para o desenho e avanço do esporte da pelota.

Se Mário Filho estava correto – e tudo nos leva a crer que estava! –, o futebol brasileiro, como conhecemos, está muito mais vinculado a Bangu e Seu Danau que a Charles Miller e a primeira partida em solo paulistano.

**Sobre a autora: LÍVIA VASCONCELOS DOS REIS** é professora da SEEDUC-RJ, com mestrado em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ e especialização em Ensino de História pela FE/UFRJ. Suburbana e irajaense, botafoguense e portelense.

#### **Referências**

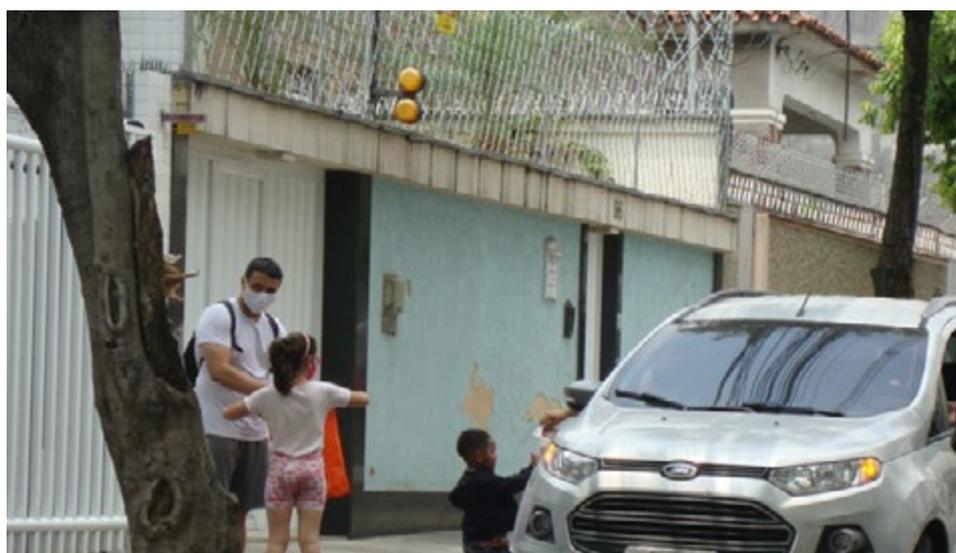
- FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.  
MOLINARI, Carlos. Nós é que somos banguenses. Disponível em <https://www.bangu.net/livros/nosequesomosbanguenses/1889a1903.php> - Acessado em 19/07/2023  
JUNIOR, Nei Jorge dos Santos. Um Padrinho esportivo: João Ferrer e o Bangu A.C, 2017. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquibancada/joao-ferrer/> - Acessado em 19/07/2023  
SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. Bangu: A Fábrica e o Bairro: Um estudo histórico (1889-1930). Dissertação de Mestrado em História, UFRJ: RJ, Brasil, 1985.

Nota dos editores

O curta-metragem “Bola para Seu Danau”, dirigido por: Eduardo Souza Lima, de 2016 é uma ficção baseada nos fatos relatados pela autora

## Cosme e Damião: dos irmãos médicos à resistência mirim suburbana

Flávia Figueiredo



Passageiro de carro entregando saquinho de Cosme e Damião a criança no Méier - 27 de setembro de 2021.  
Acervo da autora

Por definição do minidicionário Aurélio, o termo socializar significa: “[...] 2. Por sob regime de associação. P. 3. Tornar-se sociável.”. Por sua vez, sociável é: “1. Que se pode associar. 2. Que gosta da vida social”. Para que haja a instituição dessa vida, a premissa básica é a existência do contato interpessoal, podendo ocorrer tanto no espaço público quanto no espaço privado.

O tecido social, construído pela população dos subúrbios do Rio de Janeiro, é um dos pontos mais marcantes, tanto da cultura suburbana como da cultura popular carioca, sendo produzido e identificado nas ruas e calçadas. Isso porque este tecido é formador de identidades dos subúrbios cariocas, quando nos vemos projetados e representados nas ruas, na cultura, na história, nos comércios, nas arquiteturas. Por haver identificação do indivíduo para com o espaço público, há uma espécie de “autorização” para se apropriar desse espaço, por nos entendermos como agentes passivos e ativos do processo de formação e ativação dos locais coletivos. Essas identidades cumprem o papel de nos definir como elementos únicos em meio à cidade, e nos unem como suburbanos através do reconhecimento das práticas sociais comuns a muitos de nós.

Apesar de estarem em processo de extinção em muitas partes da cidade, essas sociabilidades das ruas ainda podem ser observadas nos subúrbios cariocas, em diversas manifestações, desde os botequins até as rodas de samba, mas a que mais me toca atualmente é a celebração de São Cosme e Damião, anualmente na data de 27 de setembro. Digo isso pelo fato de muitas tradições sociais iconográficas dos subúrbios — cadeiras nas calçadas, futebol de rua, conversas à beira do portão — estarem desaparecendo à medida que há uma escalada da violência urbana, uma usurpação da rua pelo automóvel e um sequestro tecnológico de nós mesmos para dentro de casa. Apesar da crença que a tradição de Cosme e Damião esteja morta e enterrada, há um espanto entre os “estrangeiros” que percorrem as ruas das Zonas Norte e Oeste e constatam que a tradição permanece vivíssima e continua a arrastar crianças, pais, mães, avós e tantos outros.

A data da celebração se refere ao dia das execuções fatais de Cosme e Damião, perseguidos pelo Império Romano. Suas histórias têm paralelos em outras culturas: na mitologia grega, com os gêmeos Castor e Pollux, filhos de Zeus; na mitologia iorubá, base das religiões de matriz africana, se assemelham aos Ibejis, os orixás dos filhos gêmeos de Iansã e Xangô, símbolos da alegria e protetores das crianças; no catolicismo, são os irmãos médicos que curavam sem cobrar por tal. No Brasil, tornaram-se protetores de médicos e farmacêuticos.

Em nossas terras tropicais, o sincretismo religioso tornou a festa comum tanto aos católicos quanto aos umbandistas e candomblecistas. Destes últimos fiéis nasceu a relação dos santos com as crianças (associando-os aos Ibejis), e a prática de distribuir doces à elas, em retribuição ao pedido atendido – mas a realidade é que muitos distribuem os doces por tradição pessoal e não, necessariamente, como símbolo de gratidão.

A presença das crianças é notável: as ruas são tomadas pela atmosfera da infância, em qualquer idade, cabendo a associação de um “carnaval infantil” pela intensa festividade. Este é, também, considerado o pior dia para dirigir, pois se a prioridade usual de fluxo é dos veículos, no dia de Cosme e Damião, a preferência é dos pequenos. Motos, carros e ônibus, abrem passagem para a festa das crianças, que correm para conquistar os doces, sem temer os perigos! A resistência mirim se faz presente e mostra como a festa popular ainda é capaz de se sobrepor às tecnologias e aos muros protetores, criados pelos apavorados urbanos.

As estratégias para conseguir os saquinhos são duas: nomadismo e sedentarismo. Uma estabelece um ponto de permanência; outras circulam por ruas que são conhecidas pela distribuição de doces. É preciso estar atento, pois aonde menos se espera, pode haver distribuição de doces: em uma vila de casas, em um carro estacionado, através de uma pessoa andando com um saco grande... todos são potenciais distribuidores. Independentemente da estratégia, nômades e sedentários eventualmente se encontram pelo caminho e a festa é feita na passagem do saquinho, de uma mão a outra.

Recentemente, surgiram novos modismos para a data, como o “saquinho light”, substituindo a maria-mole e a paçoca por bala de alga e brigadeiro de biomassa de banana, ambos

mais saudáveis – saudáveis para o corpo, pois qualquer alma padece com guloseimas desta categoria. A novidade não vingou, e os doces tradicionais continuam a ditar o tom da festa. Há também aqueles que “terceirizaram” o pagamento da promessa, ao comprarem os saquinhos já prontos, com a justificativa de “falta de tempo”. Me pergunto quantos pedidos os santos recebem e atendem diariamente, e o sujeito vem com a desculpa de não poder reservar um mísero dia para agradecer o pedido concedido através da montagem dos saquinhos! Fosse eu os santos, revogava a benesse oferecida para que o indivíduo pagasse a promessa de forma decente.

Dos populares pirulitos e chicletes até os não tão queridos (mas emblemáticos) doce de abóbora e “cocô de rato”, as crianças povoam as ruas, acumulando dezenas de saquinhos em sacolas de mercado ou mochilas. Livres dos preconceitos adultos, buscando somente a plena diversão da conquista dos doces, os pequenos circulam e preenchem a cidade e os subúrbios cariocas, envolvidos pela atmosfera pura e alegre dos lbejis e protegidos dos perigos da vida moderna por São Cosme e São Damião, nos lembrando do nosso resistente modo de vida deste lado do túnel.

**Sobre a autora:** Flávia Figueiredo é arquiteta e urbanista formada pela PUC-Rio, colaboradora técnica do LObE-Hab do DAU PUC-Rio e sócia-fundadora do Estúdio Cafè, escritório de arquitetura e interiores. Desde a graduação, se dedica à refletir e estudar os subúrbios do Rio, em especial a região do Grande Méier.

## Seu Mirinho e a maior herança de Dona Ester: “fazer o bem, sem olhar a quem”

Juliana Bonomo

Em agosto do ano passado, estive na casa do Sr. Waldomiro Meirelles, baluarte do G.R.E.S. Portela, mais conhecido como “seu” Mirinho que no auge de seus 92 anos bem vividos, segundo ele mesmo, me recebeu na varanda de sua casa, em Oswaldo Cruz. A mesma casa onde viveu sua tia dona Esther, figura fundamental para o surgimento da Portela, pois oi através das festas realizadas em sua casa, que muitos portelenses tiveram os primeiros contatos com o samba, ao lado de figuras já consagradas da música brasileira.

A conversa de uma tarde inteira com seu Mirinho rendeu boas histórias sobre as festas promovidas por dona Esther, e sua personalidade extremamente bondosa e cativante. Paulo da Portela, Dora e Dodô também foram mencionados nas memórias do baluarte.

Enfim, divido com você, leitor/leitora, um pouco do que ouvi de seu Mirinho numa bela tarde de céu azul, em Oswaldo Cruz. Ao fazê-lo, espero que você, assim como eu, seja tomado (a) pela consciência da importância de incluir os subúrbios e suas grandes personalidades nas políticas públicas de preservação dos patrimônios cariocas. Vamos, então, às histórias pela voz de nosso entrevistado:

*“A dona Esther era minha tia, ajudou minha mãe a me criar. Minha mãe morava ali nos fundos, na casa aqui ao lado e elas se davam muito bem.*”



Minha tia era uma matriarca mesmo, como dizem. Ela tinha muita espiritualidade, sabe? Era uma vidente de primeira! Dava conselhos para o bem. Por exemplo, ela dizia a alguém: “- não tome esse caminho porque não vai dar certo”, aí, se a pessoa quebrasse uma perna ou acontecesse algo ruim, ela dizia: “- te avisei, você quis seguir o outro caminho!”.

Era uma pessoa muito bacana, muita gente acreditava nela, na verdade, o bairro inteiro! A pessoa chegava aqui para pedir conselhos, a olhava e não precisava falar nada, porque ela já percebia, já sentia alguma coisa. Então, a casa estava sempre cheia, pessoas conhecidas e desconhecidas chegavam e falavam: “- eu quero falar com a dona Esther!”, e ela atendia a todos. Deu eu muitos conselhos para Paulo, Caetano e Rufino (os fundadores da Portela). Eles todos são gente nossa.

Tem gente que abandona as pessoas quando elas estão precisando. Aqui era diferente. Essa é uma casa abençoada, graças a Deus! Teve época que a minha tia criava muitas moças e muitos rapazes. Foi uma benfeitora, inclusive foi responsável por muitas benfeitorias aqui no bairro também. No tempo da minha infância, Oswaldo Cruz era um bairro com pouca estrutura, havia muitos problemas aqui. Esta rua (Antônio Badajós) era uma buraqueira até lá em cima. Mas, naquela época (em torno da década de 1940), havia três pessoas muito influentes no bairro: dona Esther, o vereador Pedro Faria e o governador Negrão de Lima, e a dona Esther, com toda sua bondade e por tudo o que representava, ajudou muito o local. Não tinha problema em falar com quem fosse, chamava general, presidente, deputado... e dizia na cara deles todas as necessidades da comunidade.



Graças a Deus, é por isso que Oswaldo Cruz é esse lugar sossegado, tanto que eu não saio daqui nunca, estou bem satisfeito aqui.

Quando minha tia era viva, fazia muitas festas no quintal lá nos fundos, que dava para a outra rua, tinha um galpão e, ao lado, um palanque para os músicos. O pessoal cantava e dançava muito. O terreno que aí do lado era nosso também, As festas duravam de dois a quatro dias. Quem precisava de serviços médicos ou policiais, telefonava para cá. Sabe por quê? Os médicos estavam todos aqui, os policiais também, todos dançando com a gente (risos). Quando alguém telefonava para o hospital Carlos Chagas, mandavam telefonar para o 346, que era o telefone daqui, porque os médicos todos estavam aqui (risos)... todos não, quase todos, né? Era a mesma coisa para chamar os carros do socorro urgente, os motoristas paravam o carro ali em frente e ficavam dançando.

Minha tia era muito querida! As festas aconteciam aqui do lado, não tinha confusão, era uma coisa que só vendo!

Eu sinto falta desse tempo, a Dodô dançou muito aqui no fundo do quintal da minha casa,

*ela e a Dora (rainha da Portela, à época: “Vai como pode”). Muita gente não conhece a Dora, dançou, também, como porta-bandeira aqui no fundo da minha casa, ela e a Dodô ficavam ensaiando.*

*Hoje em dia, as pessoas me pedem para ver o quintal, mas eu não estou mostrando, ele não existe mais. Aqui só tinha essa primeira casa, depois construíram mais uma e no terreno do lado de lá, construíram também. Então, o quintal praticamente sumiu. Ali onde o Paulo, a Dodô e a Dora dançavam, está cheio de entulho de lixo.*

*Aliás, o Paulo morava aqui perto, ele era muito querido, uma pessoa educadíssima. Mesmo sendo tudo o que ele foi e tendo a importância que ele teve para o bairro e para a Portela, acabou morrendo na miséria, nem sei te explicar porquê. Eu, por exemplo, sou testemunha, nós saíamos de casa com um saco de feijão de 60 kg e dávamos um quarto daquele saco de feijão e arroz para o Paulo comer. A mulher dele, dona Eliza, gostava muito da minha tia. Praticamente, coitados, acabamos de sustentar os dois. Ele trabalhava em Bento Ribeiro e aqui em Oswaldo Cruz, era lustrador de móveis, hoje em dia, quase não tem mais isso.*

*Eu puxei um pouco a minha tia, graças a Deus! O importante para mim é fazer o bem sem olhar a quem, como ela fez, tenho certeza de que está no alto astral. Sou bem-quisto por um bocado de gente, não tenho inimigos. Ter inimigo, é até de graça, a inveja é muita... ouço falar muitas bobagens sobre esse cargo de baluarte, mas vou com a minha faixa sempre para os ensaios, vou para todos os bailes da Portela. Então, eu entrego a Deus o que é de direito, rezo muito, creio muito em Deus sobre todas as coisas”.*

Enfim, conhecer o seu Mirinho e ouvir suas histórias, foi uma experiência verdadeiramente tocante e enriquecedora. Entre tantas belas lições, o querido baluarte da Portela me mostrou a força da história de Oswaldo Cruz e da cultura do samba, uma manifestação que transcende gerações e fronteiras, uma forma de ser e estar no mundo, ao mesmo tempo em que tem o poder de transformar vidas.

Através de uma filosofia simples, porém poderosa: “fazer o bem, sem olhar a quem”, encontrei um propósito ainda maior: celebrar e honrar a nossa cultura, cuidar do próximo e deixar um legado positivo neste mundo.

**Sobre a autora: JULIANA BONOMO é mestre em Memória Social pela PPGMS/UNIRIO, Doutora em História Econômica pela FFLCH/USP, Pós-doutoranda em História no IEB/USP. Coordenadora do Núcleo de Oralidades e Etnografia - NoEtno, sediado no IEB/USP.**

## ORA (DIREIS) CAQUINHOS

Evandro Von Sydow

O piso de caquinhos está para o subúrbio assim como o padrão de azulejos enxaquetados azuis e brancos está para o botequim carioca. Metonímias. Querem falar de botequins, botam lá o logotipo de azulejos. O papo é subúrbio carioca? Lá estão os caquinhos, estilizados que sejam! A diferença, nada pequena, é que fica cada vez mais difícil encontrar botequins com os, outrora famosos, azulejos azuis e brancos... já os pisos de caquinhos, para o nosso deleite, são ainda moeda corrente no vasto subúrbio carioca.

Passei a colecioná-los. Fotos, claro! Como soem ser colecionadores, de maneira intensa e obsessiva. Em verdade, os pisos de caquinhos são tão comuns que limitei meus registros àqueles que revelam intenções estéticas e organizadoras, assim guardo estrelas, sóis, geometrias... Uma borboleta no Méier! Gatinhos em meio às estrelas e novelos na Tijuca!



Engenho de Dentro

Quando os caquinhos se recusam a ficar apenas no chão e invadem muros, bancos, espelhos de escada, corrimãos, rodapés, a isto chamo: “invasão de caquinhos”, e registro também.

Segue pequeno apanhado, nas indefectíveis cores: vermelha, preta e amarela; raramente surgem outras. Uma arte, amiúde, ignorada. Percebo o espanto – para não dizer estupefação – de algumas pessoas quando descobrem que, sim, não fiz uma selfie, não fotografei o artista famoso, nem o Pão de Açúcar, mas aquele piso ali, tão bonito.

Não posso senão me lembrar dos versos de Yeats:

*“I have spread my dreams under your feet.*

*Tread softly because you tread on my dreams”.*

Espalhei os meus sonhos sob teus pés

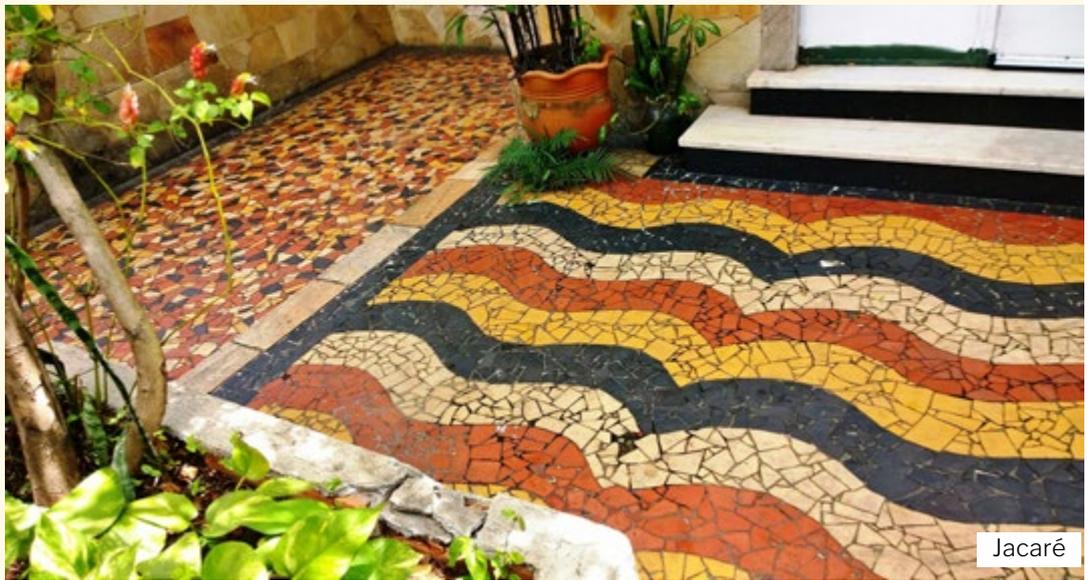
Pisa devagar, pois pisas em meus sonhos.

Sobre o autor: EVANDRO VON SYDOW é poeta e professor. Pai do Dante. Gosta de azulejos, botequins, viagens, livros e cigarras. Inventou uma editora, a Laphroaig.

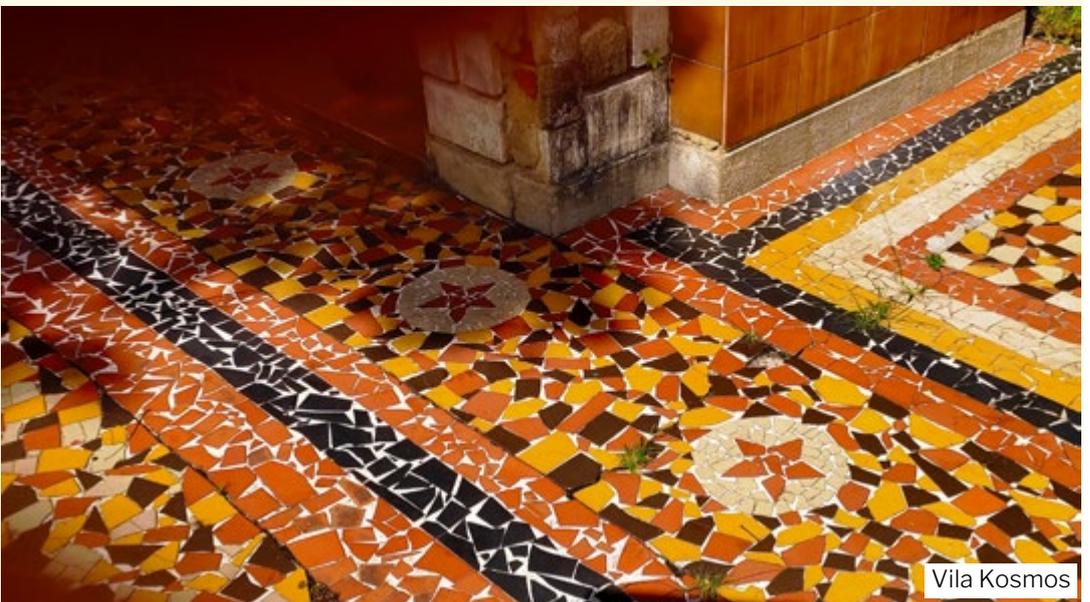




Jacaré



Jacaré



Vila Kosmos



Praça Seca



Praça Seca



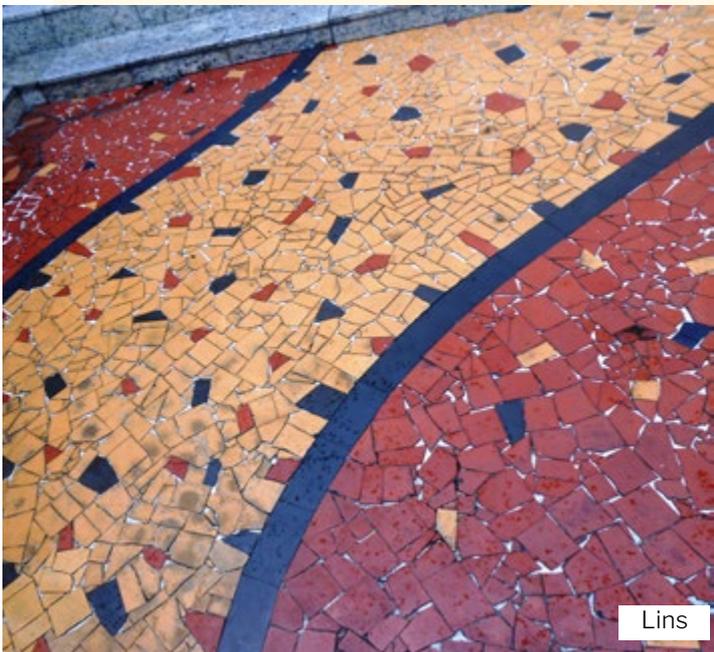
Higienópolis



Ramos



Tijuca



Lins



Cachambi

## Novos Diálogos *Suburbanos*

### O Rio de Janeiro sem praia

Monica Cunha

Era 1974, eu tinha 14 anos, quando encarei meu primeiro grande desafio. Morava na Cidade de Deus e conhecia muito pouco a “Cidade Maravilhosa”. Resolvi, então, numa atitude radical, enfrentar a timidez, arriscando-me como mascate, vendendo “bugigangas” de porta a porta no subúrbio carioca.

Meu vizinho me contou, entusiasmado, que tinha conseguido um trabalho de vendedor de utensílios domésticos de plástico, sabonetes, pentes, águas-de-colônia populares, batons e brinquedos. Animado e precisando de dinheiro, logo me ofereci para o trabalho também.

O escritório era uma “porta” ínfima, no bairro do Méier, onde só cabiam o dono do negócio, seu ajudante e as mercadorias. Para driblar o calor, o homem vestia-se de maneira bastante informal, dentro de uma bermuda jeans surrada, chinelos e camiseta regata. No subúrbio não se pode sentir a brisa do mar, e quando a temperatura passa dos 40°C, a sensação térmica passa dos 50°C. Até hoje, é comum o carioca marcar encontros na praia ou no boteco, com conversas regadas a cerveja, porque a temperatura na rua é mais agradável do que dentro de casa.

Desbravei praticamente todo o subúrbio carioca a pé, pois não existia, ainda, a indústria da violência, e as ruas não tinham portões embarreirando a entrada dos transeuntes. Éramos livres para andar pela nossa “Cidade Maravilhosa”! O subúrbio era lindo. Com suas casas bem cuidadas e pitorescas, exibindo a data da construção, frases ou santos que as famílias acreditavam proteger seus lares. E na fachada, para o santo não errar de endereço. Embora, nem sempre o santo revelasse a religião do morador, pois existia no Rio de Janeiro, e principalmente, no subúrbio, uma prática religiosa apelidada pelo carioca de “Católica Apostólica Macumbeira”, revelando o forte sincretismo religioso na cidade. Os “centros de macumba” – era assim que chamávamos os terreiros de Umbanda e Candomblé – ficavam longe do centro da cidade, geralmente em bairros do subúrbio ou na Baixada Fluminense, o que favorecia a influência da matriz africana. As festas nos “centros”: as festas juninas, cantorias embaladas pelos violões e as rodas de samba, eram a sensação naqueles locais onde se produzia mais cultura popular do que erudita. A maior parte dos teatros, salas de concerto e museus localizava-se nos bairros em que se concentravam as famílias mais abastadas, e longe do subúrbio, onde os proletários residiam.



Festa de São Jorge em Quintino

reuniam em frente a algum portão, enquanto as crianças brincavam sob os olhares dos adultos perto de casa. Eram brincadeiras como: garrafão, amarelinha, pique-pega, pique-esconde, bola de gude, pipa, bandeirinha, taco, carniça... A criançada na rua brincando, solta, de pés descalços e pouca roupa.

O verão trazia uma das melhores sensações que podíamos experimentar: o banho de chuva, aquelas chuvas tropicais que caíam pesadas sobre nossas cabeças nos fins de tarde. Até hoje, posso sentir os pingos gelados sobre a minha pele aquecida pelo sol dos trópicos, e as gotas enormes, que eu tentava capturar e matar a sede, com a boca aberta para o céu. Os verões traziam os temporais e as cigarras, que tentávamos domesticar amarrando uma linha em volta de seus corpos e deixando que elas nos levassem para onde quisessem, pois era impossível controlar seus voos. Sacrificamos centenas de vagalumes, esfregando-os em nossas roupas para desenhar coisas abstratas e indecifráveis, somente para ver a mágica de seu brilho, por poucos segundos, sobre o tecido.

Entretanto, a festa mais linda e mais esperada por todas as crianças do Rio de Janeiro, naquela época, era a de São Cosme e São Damião. E adivinha onde a festa era mais farta, alegre, divertida e colorida? No subúrbio, claro! Para nós, crianças íntimas dos santinhos, eles eram só Cosme e Damião. Ninguém ia para a escola nesse dia. Nós reivindicamos e instituímos o feriado. Passávamos o dia inteiro andando pelas ruas em bando, procurando as casas que dariam doces para enchermos nossas sacolas.

Voltando às vendas, minha bússola era a Avenida Suburbana, a mais importante do subúrbio da cidade. São, aproximadamente, onze quilômetros que ligam o bairro de Benfica a Cascadura, passando por Jacarezinho, Mangueinhos, Maria da Graça, Méier, Del

Os jardins das casas? Eram maravilhosos! Com muitas rosas, dâlias, trombetas, manacás e samambaias choronas complementando o cenário. As espadas de São Jorge e de lansã, que protegiam a casa, também não podiam faltar!

O comércio era dominado pelos portugueses bigodudos, equilibrando-se em seus tamancos de madeira, nas quitandas que vendiam verduras, nas mercearias que vendiam secos e molhados e nas padarias, que vendiam pães quentinhos pela manhã e à tarde. Horários nos quais formavam-se filas à espera da iguaria. Era delicioso ver a manteiga derretendo no pão que mal conseguíamos segurar de tão quente.

A calçada era a praia do suburbano. Quando o sol se punha e o jantar estava pronto, os adultos colocavam cadeiras nas calçadas para conversar com os vizinhos e aliviar o calor. Adolescentes se

Castilho, Cachambi, Engenho de Dentro, Pilares, Abolição, Piedade e Quintino Bocaiúva. Antes de ser a Avenida Suburbana, era parte do Caminho Imperial ou Caminho dos Jesuítas, Caminho das Minas, Estrada Real de Santa Cruz, ou ainda, Estrada Imperial de Santa Cruz. Essa era a ligação entre o município da Corte e Sepetiba, passando pela entrada da Fazenda Imperial de Santa Cruz, refúgio da Família Imperial Portuguesa.

Percorri a maior parte das ruas do subúrbio e descobri que o carioca é um povo solidário e hospitaleiro. Ofereciam-me almoço, água gelada, lanche e café. Aquela hospitalidade suburbana amenizava a dureza do trabalho. Assim, dos 14 aos 18 anos, conheci o belo subúrbio carioca. Trabalhando e batendo de porta em porta, aos poucos, o subúrbio foi adentrando minha alma, percorrendo minhas veias, aquecendo meu sangue, animando a vida... E aonde quer que eu vá, ele sempre me acompanha.



Fachada de casa suburbana

**Sobre a autora: MÔNICA SOARES DA CUNHA** é natural de Marechal Hermes e vive na zona oeste. Formada em Educação Artística e professora aposentada pela rede municipal e estadual do RJ. Apaixonada pelo subúrbio e por escrever, gostaria que as pessoas percebessem os subúrbios através de um olhar carinhoso. As fotos são de José Wilson Sussu (@sussuphotos)

Nota dos editores - Este depoimento em forma de conto é uma adaptação de outra obra da autora, ainda em processo que conta a história de um personagem carioca, em sua passagem pelo subúrbio.

## Campo Grande – memórias de marcos culturais

Nilson da Cruz Bulhões

Neste momento em que escrevo — tarde de 21.6.2023 — está sendo sepultado o Zeca do Trombone (José da Silva), um dos maiores músicos do país.

Lembrar-me do Zeca, me faz lembrar do Serginho Trombone, outro grande músico, falecido em 2020, também em plena atividade. Mas, fundamentalmente, estas lembranças me levam de volta a Campo Grande — onde morei desde a infância (década de 1950) até o início da idade adulta — subúrbio do Rio de Janeiro, que é pródigo em talentos atuantes nas várias artes, entre os quais esses dois espetaculares trombonistas. E, por óbvia extensão, lembro-me de que meu pai exerceu alguma influência no desabrochar de um desses talentos musicais.

O menino Sérgio morava na Rua João Teles. Nossas residências, distantes entre si em poucas centenas de metros, eram separadas pela linha do trem. Em certos dias da semana, eu cruzava a linha férrea em direção à casa dele, onde dona Irene, sua mãe, me alfabetizava; e ele atravessava em sentido oposto, para minha casa, na rua Taquarembó, a fim de receber os primeiros rudimentos de teoria musical e trombone, ministrados por meu pai, Nilton Fagundes Bulhões (o “Fagundes”, nas fileiras dos músicos profissionais do Rio de Janeiro). Zeca morava mais distante, no Bairro Diana, e recebia os ensinamentos de outra figura importantíssima na formação de inúmeros futuros profissionais da música: Rubem de Faria, o “Maestro Rubem”, cujo rigor e severidade no trato com seus alunos tornaram-no uma lenda naquele lugar.

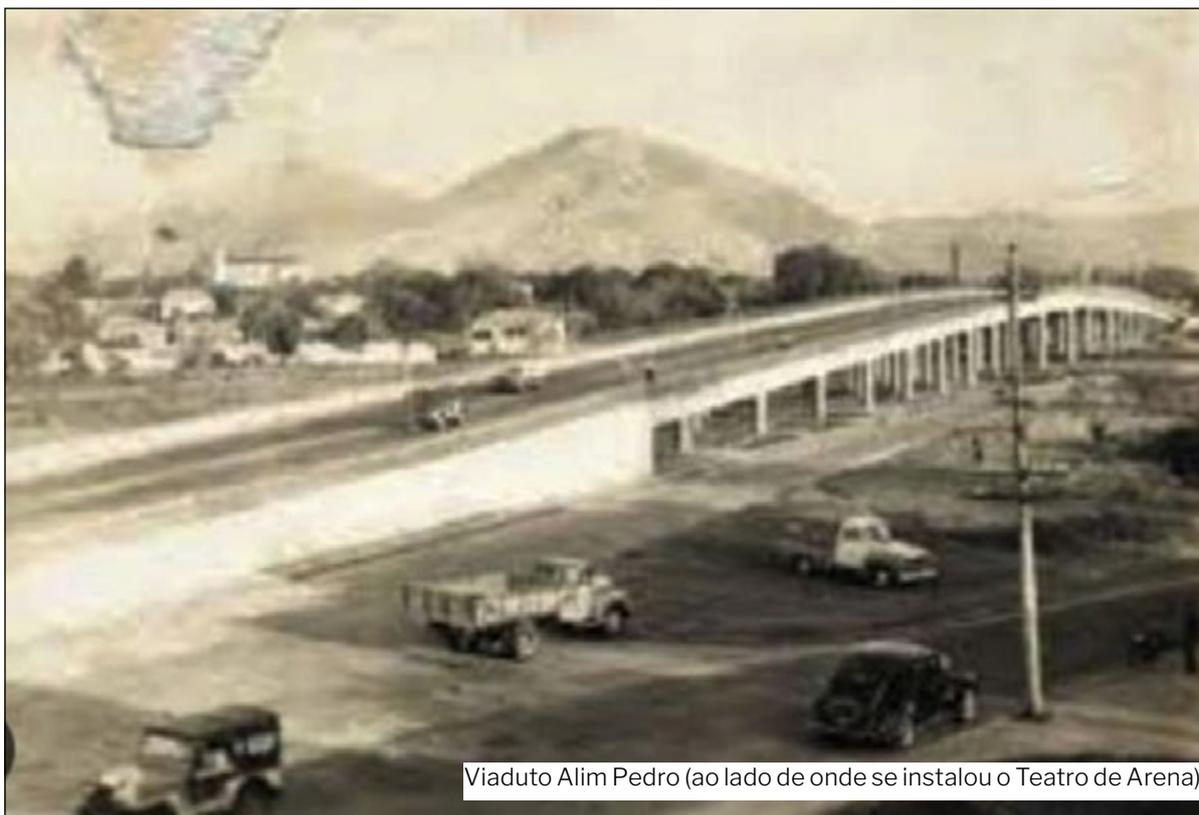
Campo Grande instala-se na então chamada Zona Rural, denominação substituída por Zona Oeste, quando da passagem da Capital Federal para Brasília.

Um grupo de rapazes e moças campo-grandenses, apaixonados por música e artes cênicas, criou, em 1952, o Teatro Rural do Estudante, fundamentado na ideia de que:

*“As populações rurais devem participar, na medida do possível, da vida cultural e artística do país”. O movimento do Teatro Rural do Estudante procura despertar valores artísticos e humanos, estimulando-os, dentro de um espírito de responsabilidade, à realização de uma obra comunitária. (cf. 042949\_1546562462.pdf (museusdoestado.rj.gov.br))*

Nesse ambiente, as atividades de Herculano Carneiro e seu irmão Danilo, de Rogério e outros membros da família Fróes, de Dineyar Valente Plaza, de Regina Pierini, dentre outros

jovens artistas daquele subúrbio, acabaram atraindo a atenção da engenheira Elza Pinho Osborne. Ela estava responsável por obras de grande vulto naquela área, como o Viaduto Alim Pedro (hoje chamado de “viaduto velho”), que passa por cima da via férrea e faz a ligação entre a Estrada Rio do A e a Estrada do Monteiro. Mas a “Doutora Elza” também era uma artista. Além das capacidades de cálculos matemáticos, escrevia peças teatrais. Sua adesão à causa provocou, também sob sua responsabilidade, a construção física do espaço que passou a ser chamado Teatro de Arena, ao lado do viaduto, cuja pedra fundamental foi lançada, em 1956, pelo então Presidente Juscelino Kubitschek.



Viaduto Alim Pedro (ao lado de onde se instalou o Teatro de Arena)



Fachada do Teatro

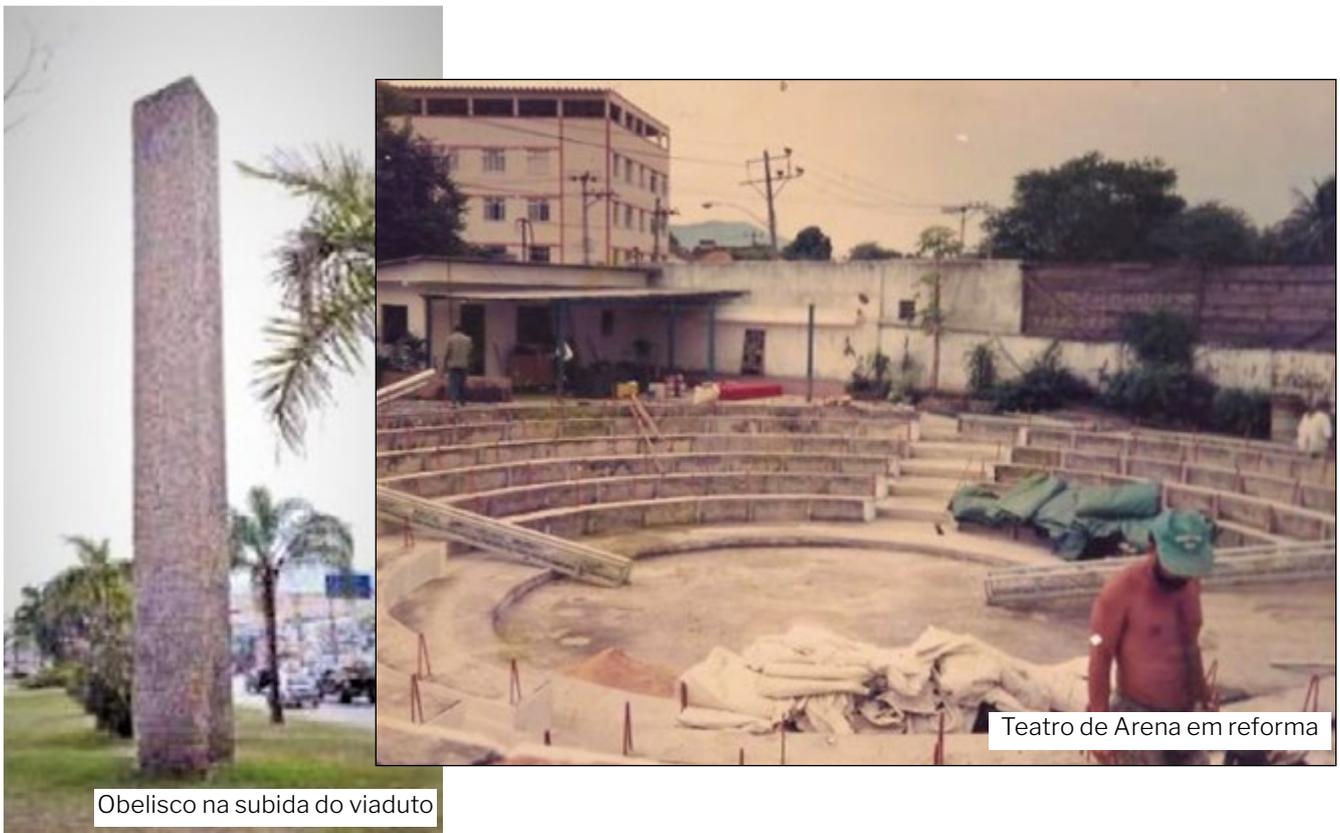


Eng. Elza Osborne

Por iniciativa do Teatro Rural do Estudante, Campo Grande e outras áreas da Zona Oeste do Rio de Janeiro abrigam trabalhos do artista plástico gaúcho Miguel Pastor (busto de Paschoal Carlos Magno; obelisco em honra a Alim Pedro; busto de Arthur Azevedo; monumento ao Preto Velho etc) e do arquiteto franco-brasileiro Affonso Reidy, criador de projetos de vulto, como o do Museu de Arte Moderna, no Centro do Rio (projeto do prédio anexo ao Teatro de Arena — obra não concluída — onde funcionaria o Teatro Laboratório).

A ideia fundamental do Teatro de Arena, mantida desde o Teatro Rural do Estudante, obviamente não agradou às autoridades militares que governaram o país. O teatro — já então chamado Teatro de Arena Elza Osborne — ficou fechado durante aquele período de governo, retornando às atividades em 1986, por iniciativa de Ives Macena e Regina Pierini. O formato “arena” (espaço descoberto) tornou-se ultrapassado. Macena lançou campanha para conseguir cobertura. A solução veio em forma de doação de uma grande lona, sobra da arquitetura da Eco-92, criando-se a Lona Cultural Elza Osborne, fato gerador da construção das Lonas Culturais que se espalham pela Cidade do Rio de Janeiro.

Campo Grande foi polo produtor de laranjas, mas patrimônios físicos se instabilizam pelas oscilações da economia e da política. O patrimônio imaterial é perene. Em nossas memórias mantêm-se o valor de todos aqueles que contribuíram para que a Arte seja um dado fundamental na existência daquele subúrbio carioca.



Sobre o autor: NILSON BULHÕES foi professor de língua portuguesa por 45 anos, entre Leblon e Seropédica - RJ; atualmente, seresteiro/violeiro em Conservatória - RJ; suburbano convicto”.

## O suburbano vive á calçada

Fábio de Brito Rezende

João do Rio, o flâneur por excelência da caótica metrópole carioca, foi testemunha em suas andanças pelo Centro da cidade das profundas mudanças ocorridas no alvorecer do século XX. Por flâneur, refiro-me, nas palavras do cronista, a ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. É andar, aparentemente sem propósito, com uma curiosidade inata pelas ruas e vielas, e observar: pessoas, conversas, vozes, gestos e a forma como essa humanidade ecoava através das armações metálicas dos automóveis e pelo concreto estéril da civilização moderna. Sendo testemunha dos processos de modernização da cidade carioca na década de 1900, sua astuta observação das relações que se impuseram e se transformaram nesse período o levaram a uma conclusão simples e provocativa:

“O carioca vive à janela”.

Sem saber exatamente o que levava o carioca – independente de classe, idade ou gênero – a essa ação, em sua visão inconsciente e irresistível, João do Rio refletiu sobre suas causas: viver à janela é ver e ser visto, assim como quem saía às ruas. Em uma cidade que se modernizava, onde a frase “tempo é dinheiro” começa a operar como um mote civilizatório, estar à janela se apresentava como uma contradição.

Ou melhor, uma subversão à brasileira, uma rebeldia à modernização dos costumes. A janela seria um ponto médio entre casa e cidade, entre o público e o privado. Uma possibilidade de uma urbanidade light, da possibilidade de se comunicar com o urbano sem o contato físico das ruas abarrotadas e do caos das ruas cariocas. Janeleiros namoravam, conversavam, compravam às janelas. Logo, as janelas eram um fio condutor da sociabilidade carioca.

Porém, João do Rio viveu outros tempos. Viveu o fim da Era dos Cortiços e o começo do Século das Favelas, viveu a Belle Époque carioca e outras experiências de se relacionar com a cidade. Hoje em dia, como se pode ser janeleiro em uma cidade de vidro espelhado? Como ver e ser visto quando o ritmo de nossas vidas se resume a borrões, a horários de almoço corridos e à construção de relações sociais cada vez menos sólidas?

Da mesma forma que a Gazeta Suburbana, em 1894, afirmou que “o carnaval morreu na Corte para reviver no subúrbio”, nossa resposta se encontra nos arrabaldes cariocas. Esses espaços que, historicamente, nos evocam outras formas de viver e sentir. Os suburba-

nos não vivem como se vive na urbe, e mesmo que ainda viva às janelas (na conversa das vizinhas, na troca de ingredientes e receitas, no telefone sem fio dos avisos e lembretes), apenas as janelas não servem para explicar a experiência suburbana.

Nós pulamos a janela e tomamos as calçadas.

Então, o que seriam as calçadas suburbanas? O que mais seriam, que não os nossos fios condutores de sociabilidade? As calçadas são espaços de lazer, mas também os espaços de oportunidade. São as arenas da bola de gude, do peão e da pipa nos fins de semana, e quem passa ao longo da calçada da estação de Irajá com frequência, vai esbarrar eventualmente em uma partida de futebol da criançada, marcando tradicionalmente as balizas com seus chinelos. São os espaços das cadeiras (de praia ou de plástico) assentadas em frente aos portões, onde as senhoras colocam suas conversas em dia. Mas também, são o lugar da clientela dos “lava-jatos”, das vendedoras de sacolé e dos comerciantes trovadores do Picolé Boneca. As calçadas se transmutam em barzinhos, com mesas, cadeiras, cerveja gelada e eventuais partidas de baralho. São extensão das garagens que viram armários e lojas de doces, salgadinhos e refrigerantes.

Qual calçada suburbana nunca viu um churrasco de domingo? E onde mais, no aperto de fim de mês, as torcidas se encontrarão para assistir uma partida de futebol através de uma televisão engenhosamente pendurada no portão ou no muro de uma casa?

A calçada suburbana subverte a lógica das ruas: andem por Madureira e saberão do que falo. Nas calçadas do Portela, em qualquer canto se ouve o coração pulsante dos subúrbios, nas vozes e nos risos, no funk e no samba. Se sente o calor da nossa gente, no aglomerado de corpos que caminham e se encontram, e a energia que vibra no ar, nos ouvidos e na pele. Não se vêem as janelas espelhadas do Centro: se vê gente, de todas as cores, credos e belezas.

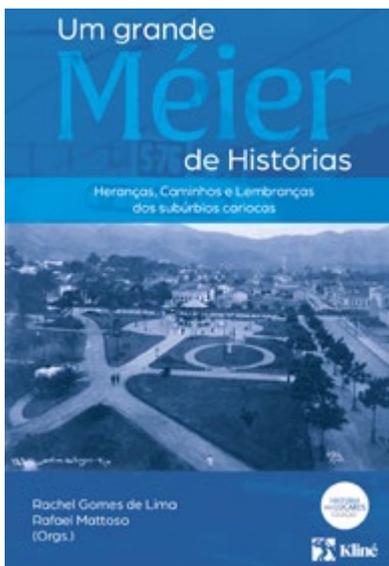
A calçada suburbana é um espaço nosso por natureza, e se existe um espaço verdadeiramente democrático no espetáculo caótico e contraditório que chamamos de Rio de Janeiro, são estas calçadas. Até mesmo quando o suburbano deixa o subúrbio, ele não deixa de viver a calçada! Assim, em minhas andanças como pretendo flâneur contemporâneo, nessa constante observação das formas de um viver carioca, não restam dúvidas: o suburbano vive à calçada.

**Sobre o autor: FÁBIO REZENDE** é suburbano de Irajá, graduado em História (Celso Lisboa) e Mestrando em Relações Étnico-Raciais (PPRER/CEFET-RJ), pesquisador de História dos Subúrbios Cariocas

## Sem Bobear- Percorrendo os espaços do Méier

Roberta Filgueiras Mathias

Juntando-se a uma série de movimentos propostos pelo coletivo Engenheiros de Histórias, o livro “Um grande Méier de Histórias”, lançado no início de 2023, reforça o conjunto de publicações sobre os subúrbios cariocas. Tendo como autores os integrantes do grupo coletivo (estudiosos e moradores na região), a coletânea percorre a história do bairro, exaltando sua centralidade e suas personagens locais, deixando que o leitor se aproxime do cotidiano “meieriense”.



Desde que saiu da editora, o livro vem percorrendo espaços do bairro, com destaque para a livraria Belle Époque, conhecida por entusiastas cariocas da literatura e por movimentos culturais. A circulação por esses lugares assume papel essencial para a obra, que evidencia os diversos olhares sobre o bairro, com textos de estilos, tamanhos e propostas múltiplas, assim como, seu quase irmão - “Subúrbios: espaços plurais e múltiplos do Rio de Janeiro” - lançado quase ao mesmo tempo. A exaltação dita o ritmo, sem que dados históricos e informações sobre projetos artísticos, nascidos no e para o bairro, deixem de nos chamar à atenção. Dessa forma, experienciamos uma narrativa afetuosa e reveladora.

Após o prefácio de Marcos Guimarães Sanches, que evidencia a construção coletiva da obra, o primeiro ensaio, de Rafael Mattoso, contextualiza as mudanças ocorridas no território da Zona Norte e fala sobre a relação de Lima Barreto com o bairro, de uma maneira a agregar importantes nomes da cultura contemporânea local, como Pedro Rajão, responsável pelos projetos: Leão Etíope do Méier e Negro Muro – projeto que teve nascimento no Meier, na escola Nícia Macieira. Todas essas relações que, aqui, podem parecer distantes, mas que Mattoso amarra de forma não linear - brincando com o tempo e com o território - trazem ao leitor a importância cultural da região.

Composto, também, por uma série de imagens de arquivo, o livro segue para o texto de Rachel Gomes de Lima, enfatizando o nascimento do bairro e de uma época, na qual o Rio de Janeiro era dividido em Sesmarias - resquícios de um passado colonial. Já Pedro Rajão (sim, o artista que é citado ao longo do livro, diretamente, e através de sua obra), apos-

ta na história da própria família, do comércio e do Leão Etíope. “O Leão Etíope funciona como um elo do Méier com ele mesmo.”, escreve. Não por acaso, o Leão está no nome dos textos que se seguem: Histórias do Leão do Meyer, de Nivaldo Rodrigues Carneiro, artista plástico responsável pela icônica escultura localizada na Rua Dias da Cruz e Leão Epifânico, de Paloma Maulaz. Instalado pela instituição Lions Club, em comemoração aos seus 50 anos, a estátua ganhou vida própria, virou o leão do Méier em uma virada poética, tipicamente carioca.

Por esses caminhos poéticos é que Maulaz e Elaine Morgado enveredam em uma prosa suburbana. Maulaz entende o Méier como um “nordeste suburbano” que emite calor, mas também conexões afetivas efêmeras ou duradouras. Do garçom do boteco até as relações estabelecidas entre os coletivos políticos-culturais. Nesse sentido, as memórias sonoras de Luiz Espírito Santo e da dupla Fábio de Jesus de Carvalho, Flavio Braga Mota e Henrique Garcia Pinto permitem com que vislumbremos os percursos musicais do bairro. Do rock ao samba- encabeçado por João Nogueira.

Seja na apresentação, seja no texto há o cuidado de garantir as origens suburbanas dos autores - ou um subúrbio que tomou conta de seus corpos posteriormente. Existe, então, um convite dos mesmos para que habitemos suas recordações de infância bastante particulares por onde figuram as narrativas de Didi Nogueira, Cláudio Jorge e Valéria Pereira da Silva, por exemplo.

Essa sensação de pertencimento é o trunfo do livro.

Perceber beleza nos trajetos habituais, nas fachadas, nos pedestres. Simultaneamente, somos apresentados à um mapeamento histórico como é o caso dos textos de Paulo Jorge G. da Silva, Carolina Ribeiro Zettermann ou ambos, como podemos perceber na escrita de Flávia Figueiredo ou Henrique Garcia Pinto.

Mesclando jornalistas, cientistas sociais, arquitetos, historiadores e artistas, o conjunto ganha em diversidade e possibilidades de olhar para o bairro sob diferentes prismas. Embebido por questões profundas e urgentes, como a valorização da cultura afro-brasileira, através dos ensaios de Henrique Garcia Pinto, Flávia Souza e Ivan Karu – os dois últimos fundadores do grupo Afrolaje (projeto de música e pesquisa no Grande Méier), Um grande Méier de Histórias: Heranças, Caminhos e Lembranças dos Subúrbios Cariocas surge como vontade de autoconhecimento e identidade, tal qual o coletivo do qual é oriundo, como destaca a apresentação do mesmo, mas oferece leitura prazerosa e instrutiva para àqueles que ainda não se encantaram com os percursos da Rua Dias da Cruz, com os espetáculos do Imperator e com os debates literários da Belle Époque.

O convite está posto e, com ele, a certeza de um agradável passeio.

**Sobre a autora: ROBERTA FILGUEIRAS MATHIAS** é antropóloga, fotógrafa e andarilha. Desde 2014, é pesquisadora na área de Antropologia Urbana com olhar para as periferias latino-americanas. Iniciou o Doutorado em Antropologia Social pela Universidad Nacional de San Martín (Buenos Aires) e continua os estudos no PPCIS/UERJ onde faz parte do grupo de pesquisa CIDADES. Além disso, é doutoranda no PPGCINE/UFF estudando cinema latino-americano.

INS  
TI  
TU  
TO 215



**CAU/RJ**

Conselho de Arquitetura  
e Urbanismo do Rio de Janeiro